



O Caderno Rosa de Lori Lamby baseada na teoria do Revirão¹

Iara Marques Nascimento*²

Rosângela Spagnol Fedoce**

Orientador: Potiguara Mendes da Silveira Júnior***

Estudo da obra O Caderno Rosa de Lori Lamby, de Hilda Hilst, baseado na Teoria do Revirão, proposta pelo psicanalista MD Magno. O artigo propõe uma reflexão sobre os valores sociais dispostos no livro e que se encontram em processo de mudanças na sociedade contemporânea, como os referentes à sexualidade, à cultura, à linguagem e ao relacionamento humano, movido pelo amor e pelo dinheiro. É discutida a questão do senso comum que esbarra com o natural, o Primário, assim como a distinção entre o erótico e o pornográfico.

Psicanálise; Comunicação; Senso Comum; Literatura

Introdução

O livro O Caderno Rosa de Lori Lamby de Hilda Hilst, publicado em 1999 põe em xeque uma série de valores e padrões, de forma a questionar a sociedade na qual “os bons modos” insistem em prevalecer, mas são constantemente questionados pelas atitudes do homem contemporâneo.

Hilda Hilst apresenta elementos do senso comum, que passam por fase de mudanças na sociedade atual, como o sexo, a cultura, a linguagem e o relacionamento humano. Vacilando entre o erótico e o pornográfico, ela abarca a atenção do leitor, promovendo uma reflexão relativa a esses elementos, ao escolher a pornografia, uma criança de oito anos como narradora e a linguagem infantil.

Questionamentos sobre conceitos diversos, intrínsecos à sociedade e tachados como certos ou errados, evidenciam-se na obra. O sexo, tido como condenável, errado, evasivo e banal, transformado em tabu e escondido juntamente com seus desejos e prazeres sob a máscara do bom senso, surge como ponto central da análise de padrões.

¹ Trabalho apresentado no GT Comunicação Aplicada ou Segmentada do Intercom Sudeste 2007.

² * Graduanda do 10º período da Faculdade de Comunicação da UFJF.

** Graduanda do 6º período da Faculdade de Comunicação da UFJF.

*** Professor e vice-diretor da Faculdade de Comunicação Social da UFJF. Graduação em Comunicação pela Universidade Estácio de Sá; Mestrado e Doutorado em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro; e Pós-doutorado pela Universidade Nova de Lisboa.



Na obra, Hilda Hilst trabalha conceitos, como os de pornografia e erotismo, para apresentar padrões de vida considerados imorais, mas consumidos pela sociedade. O livro é uma mistura de inocência e sexualidade explícita. O fascínio ou a rejeição que a obra desperta nos leitores está, justamente, nesse jogo.

Destituída de estereótipos, O Caderno Rosa de Lori Lamby é um exemplo esclarecedor do que MD Magno definiu como Revirão, ou seja, a capacidade humana de revirar pelo avesso por meio da reflexão diante de teses e antíteses. Através da leitura, o leitor é despido de preconceitos e, desnudo, pode alcançar a imparcialidade característica do que MD Magno definiu como aquilo que é próprio da natureza.

“Acostumamo-nos a determinados comportamentos e passamos a tomá-los por naturais, quando são apenas um vício nosso, uma neura, um recalque, que não nos deixa maleabilidade para transitar à vontade de um lado para outro. Mas o específico desta espécie é a possibilidade, pelo menos, de revirar” (MAGNO, 1999:70)³.

Hilda aponta vários elementos de nossa sociedade que envolvem valores e padrões que não estão mais sendo tomados como lei, a ser cegamente seguida. Ela promove o questionamento apresentando os dois lados das questões, de forma a fazer o leitor refletir sobre o que realmente são valores e bons costumes nos dias atuais, discutindo sua validade enquanto norma geral.

O tabu

Para MD Magno, em seu texto A Psicanálise e a Crise de Idéias, “o maior mal-estar de que estamos sofrendo [...] é estarmos ferrenhamente apegados ao imaginário neolítico em que vivemos até hoje. Acreditamos, por exemplo, que haja uma distinção entre natureza e cultura” (MAGNO, 1990:6)⁴, da mesma forma que é culturalmente estabelecido o poderio da segunda sobre a primeira.

Desse modo, as paredes ainda protegem a dupla face de muitos indivíduos. Elas permitem, através do erotismo e da pornografia, o prazer de alguns, o esconderijo daquilo que não pode ser falado, e, muito menos, mostrado. É fato que, nos últimos anos, houve uma grande abertura para os debates sobre o tema que, até então, era tido como proibido. Mas para entendermos melhor devemos tentar delimitar o que

³ MDMagno. A Psicanálise, novamente.

⁴ MD Magno, A psicanálise e a crise das idéias.



seja erotismo e pornografia. Para muitos autores, o erótico está ligado à sutileza, a apresentação e sugestão do corpo e a sensualidade. O erotismo é “uma forma de estimular o impulso sexual” (GIROLAMO)⁵. Assim, “o texto erótico se podemos especular, se constituiria em uma forma com a finalidade de montar textualmente o espetáculo erótico, tecendo de mil maneiras as relações significativas que o configuram” (DURIGAN, 1985:31)⁶.

A pornografia, por sua vez, não sugere contornos ou adornos, descrevendo o ato sexual em si. Mas também é capaz de despertar os sentidos e os desejos do leitor, sendo “um tipo especial de erotismo, mobilizam-se figuras do imaginário (...) com o objetivo de estimular o desejo, de fantasiar um relacionamento sexual, em uma masturbação ou mesmo mobilizar-se para uma relação sexual concreta” (GIROLAMO)⁷. Dessa forma, o texto pornográfico “procura induzir o leitor no universo textual, para fazê-lo participar, em busca do prazer, como um dos atores do espetáculo”. (DURIGAN, 1985:38)⁸.

As diferenças mais concretas em relação ao erótico e o pornográfico só podem ser percebidas a partir das características psicológicas que cada um comporta e do aspecto estético que desenvolve. Como afirma Girolamo:

“Na sociedade moderna a pornografia passou a se diferenciar do erotismo nos aspectos estéticos e éticos, no conteúdo mais explícito da pornografia e mais implícito do erotismo, no reforço pornográfico da relação genital sem envolvimento, sem compromisso e sem afeto, apenas enfatizando o prazer solitário masturbatório, evitando o requinte artístico, a profundidade e o clima de paixão e enamoramento sempre presentes no erotismo”.

Percebemos que o erotismo tem a capacidade de despertar o prazer, e a pornografia funciona como instrumento, como recurso sexual, podendo ou não estar presente. Desse modo, como justificar a literatura pornográfica e afirmá-la como arte literária? Muitos críticos e autores ainda não concebem esse aspecto da pornografia. Mas, por mais “relativamente incomuns que possam ser, existem textos que nos parece razoável chamar de pornográfico – considerando que o rótulo batido tenha algum uso -,

⁵ Girolamo, Fabiano Puhlmann. Psicólogo e sexólogo.

⁶ Durigan, Jesus Antônio. Erotismo e Literatura

⁷ Girolamo, Fabiano Puhlmann. Psicólogo e sexólogo

⁸ Durigan, Jesus Antônio. Erotismo e Literatura



aos quais, ao mesmo tempo, não se pode recusar o crédito de literatura séria”. (SONTAG, 1987:42)⁹.

A literatura pornográfica, assim compreendida, pode ser caracterizada por textos capazes de despertar o leitor para o sexo, incitando-o a participar da narrativa. “Os livros considerados pornográficos em geral são aqueles cuja preocupação primária, exclusiva e tirânica é com a descrição de intenções e atividades sexuais”. (SONTAG, 1987:69)¹⁰. Assim, o Caderno Rosa de Lori Lamby pode ser considerado uma literatura pornográfica. Mas isso não implica que a obra seja menos erótica.

O erotismo e a pornografia no Caderno Rosa

Hilda Hilst estabelece, a partir de Lori e de seus segredinhos, o teor pornográfico e também erótico da obra. A cada descrição da menina, a autora provoca a excitação sexual do leitor, o que pode ser considerado o primeiro passo da pornografia. Pois, esta “que é autêntica literatura visa excitar da mesma forma que os livros que revelam uma forma extrema de experiência religiosa têm como propósito converter”. (SONTAG, 1987:52)¹¹.

A linguagem sugestiva desperta a imaginação, aflorando o lado erótico, apesar das descrições serem bem explícitas: “... Aí ele só pediu para dar um beijo no meu buraquinho lá a trás, eu deixei, ele pôs a língua no meu buraquinho e eu não queria que ele tirasse língua, mas a campainha tocou de novo”. Nem todos os autores concordam com essa função da literatura pornográfica destacada por Sontag. A escritora Betty Milan, por exemplo, defende que “a literatura erótica não existe para que a sexualidade seja vivida de uma ou de outra maneira, e nem mesmo diria que ela existe para que a sexualidade seja imaginada”¹².

O relacionamento entre Lori e Abel absorve características como o amor puro e o afeto, o que o torna mais erótico que pornográfico. Lori chega a dizer (sem querer) que ama Abel. No entanto, a pornografia continua presente “... Aí eu falei assim, sem querer: eu amo você, Abel. Aí ele ficou com os olhos molhados e disse: eu também

⁹ Sontag, Susan. A vontade radical.

¹⁰ Ibidem.

¹¹ Ibidem.

¹² Milan, Betty. Folha de São, 1994: 6



amo você, Lorinha, agora dá uma chupadinha no meu Abelzinho”. Milan destaca ainda que:

“a pornografia funciona através da sugestão, enquanto a Literatura erótica inflama a imaginação por expor o leitor à sua falta. No primeiro caso o leitor está sujeito a imperativos, ele é, por assim dizer, objeto do desejo de um outro. No segundo caso, o leitor é entregue pelo texto ao seu desejo, ele é sujeito do próprio desejo”¹³

No Caderno Rosa, o texto é explícito no que se refere a descrição dos atos sexuais. Mas o modo como Hilst escreve permite ao leitor o uso da imaginação. Esse é capaz de compor a cena a partir de suas próprias experiências. O erotismo de Lori Lamby está no tratamento do tema, assim o determinante são as razões estéticas da obra. Por isso, fica difícil diferenciar erótico e pornográfico segundo a visão de Milan. “O erótico e o pornográfico muitas vezes se confundem, já que esbarram em problemas de ordem moral, religiosa e até política, variando de acordo com a cultura e as necessidades dos diversos momentos históricos” (CASTELLO BRANCO, 1985:17)¹⁴. Muitas vezes, a sociedade aceita melhor o pornográfico por ele não mistura o amor puro, da alma com o sexo. E a intenção de Hilda Hilst era agradar, atrair o maior número possível de leitores.

Outra diferença entre os dois gêneros nos é apresentada quando levamos em consideração o significado de cada termo. Erotismo vem de Eros, deus grego do amor, enquanto pornografia vem de pornô, que diz respeito à prostituta. As duas definições estão presentes no texto de Hilst. A prostituição porque Lori é, ou pensa ser, uma prostituta: “Ele perguntou me lambendo se eu gostava do dinheiro que ele ia me dar. Eu disse que gostava muito porque sem dinheiro a gente fica triste...”. E o amor porque, como já mencionamos, ela ama Abel.

Podemos aproximar O Caderno Rosa de Lori Lamby do erotismo pelo fato de uma criança ser a personagem principal. Aos oito anos, a menina que ainda vê graça em tudo, é iniciada no sexo de forma prematura, mas, nem por isso, menos prazerosa. Lori gosta de cor-de-rosa, usa o diminutivo e dá nome aos órgãos sexuais; “... que ele ia beijar a minha coisinha. Ele começou a me lambe como o meu gato se lambe (...) ele tirou aquela coisona dele, o piu-piu...”. Isso afasta o texto da libertinagem

¹³ Milan, Betty. Folha de São, 1994 (pág. 6-10)

¹⁴ Castello Branco, Lúcia. Eros Travestido: um estudo do erotismo no realismo burguês brasileiro



pornográfica inspirada em Sade, embora ainda possamos encontrar alguns resquícios de perversidade: “... eu comecei a fazer xixi de tão gostoso. E tio Abel lambia com xixi e tudo (...) e ele quis que eu fizesse cocô em cima dele (...) Aí ele ficou em baixo da minha coisinha e de boca bem aberta, e todo meu xixi ia perto da boca dele...”. Ainda assim, as carícias importam tanto quanto o orgasmo.

No plano ideal, poderia manter-se relação com qualquer um, ou qualquer coisa. Isto está presente no conto que Lori ganha do tio Abel, o Caderno negro (Corina: a moça e o jumento). Corina, a personagem principal da narrativa, mantém relações sexuais com um padre, um homossexual e um jumento, além de Edenir, o narrador do conto. Sontag acredita que “toda pessoa, ao menos nos sonhos, habitou o mundo da imaginação pornográfica por algumas horas, ou dias, ou mesmo por períodos ainda mais longos de sua vida”. (SONTAG, 1987:73)¹⁵. O texto pornográfico tenta suprir a necessidade de transcendência do instinto humano para seus apetites sexuais. Assim, não existem distinções fixas entre os sexos, e nem pré-conceitos na narrativa pornográfica.

O Estereótipo

Moldado pelo que foi definido como certo, o leitor, ao saber pornográfico o livro, cria uma imagem pré-concebida, sabendo mais ou menos do que se trata a narrativa. Porém, as expectativas não se comprovam de imediato. A autora o incita a questionar sobre o porquê da garotinha de oito anos, Lori Lamby, encarar a sexualidade com tanta naturalidade. Inicialmente, pensa-se que Hilda Hilst quer dizer que todos os conceitos do mundo, de bom e mau, de bem e mal, de certo e errado, são relativos e adquirem essa noção devido ao condicionamento ao qual o leitor é exposto. Porém, o leitor chega ao fim da história e se surpreende ao descobrir que Lori Lamby escreveu tudo aquilo sabendo que era “uma bosta... embora talvez a bosta fosse bom porque gera dinheiro”. Nesse instante tudo que tinha “filosofado” cai por terra. Ao observar a reação dos pais, por exemplo, que chegam a ser hospitalizados quando lêem o caderno rosa da filha, o leitor questiona-se sobre o verídico da obra.

¹⁵ Sontag, Susan. A vontade radical.



O Caderno Rosa explorar o sexo, enquanto marketing de venda, excluindo o aspecto sentimental, que a obra poderia ter, a fim de instigar o leitor a ler o texto e, quiçá, compreender, nas entrelinhas, o princípio de catoptria, que propõe que, “para o que se quer que se coloque, o pólo oposto é pensável e mesmo exequível” (MAGNO, 1999:27)¹⁶

O Espelho

MD Magno afirma que “refletir a respeito da nossa própria condição, da nossa própria estrutura, é algo que toca muito fundo e que recebe quase que de imediato uma reação mais ou menos violenta” (MAGNO, 1990:4)¹⁷. Assim, O Caderno Rosa incita a reflexão, o que faz com que o leitor sinta uma espécie de repugnância misturada à compaixão e, até mesmo, ao prazer diante do que lê.

Susan Sontag afirma, por sua vez, que “o que a literatura pornográfica faz é justamente estabelecer uma cunha entre a existência de uma pessoa enquanto ser humano completo e sua existência como ser sexual – enquanto na vida comum uma pessoa saudável é aquela que impede que tal lacuna se amplie”. (SONTAG, 1987:62)¹⁸

Assim, Hilda Hilst abarca a atenção do leitor e estabelece essa cunha. A autora, indireta e ironicamente, explica a sua escolha por esse gênero ao descrever a trajetória do pai de Lori Lamby, que, enquanto escritor, é recomendado a escrever bandalheira por seu editor, a fim de ser lido e, realmente, ganhar dinheiro com a profissão. “Ele também é um escritor, coitado”. “Por que será que não dão dinheiro pro papi que é tão gênio, e pra mim eles dão só dizendo que sou uma cahorrinha?”.

O retrato um tanto irônico da sociedade ainda espelha ações humanas com o dinheiro e, até mesmo, com a língua portuguesa. Ao falar sobre a importância do dinheiro que recebe dos homens que a vão visitar, a garotinha remete sempre aos seus desejos consumistas de criança. “[...] sem dinheiro a gente fica triste porque não pode comprar coisas lindas que a gente vê na televisão.” “Aqueles bolsinhas, blusinhas, aquele tênis e a boneca da Xoxa”.

¹⁶ MD Magno. A psicanálise, novamente.

¹⁷ MD Magno. A psicanálise e a crise das idéias.

¹⁸ Sontag, Susan. A vontade radical.

A crítica à linguagem aparece também em vários trechos, nos quais a pequena Lori Lamby busca o dicionário, ou confunde-se com as ambigüidades da língua. A ilustração de Millôr Fernandes, da página 20, por exemplo, apresenta a biblioteca do pai de Lori composta apenas por dicionários. “[...] ele papi vai morar em Londres LONDRES! E aprender vinte anos o inglês e só escrever em inglês porque a fedida da puta da língua que ele escreve que não pode ser lida porque são todos ANARFA, Cora, ANARFA, Corinha, [...]”.

Assim, a autora tece a sua crítica à língua portuguesa, corroborando com o pensamento desenvolvido por Maurizio Gnerre, em seu livro *Linguagem, escrita e poder*. Segundo ele, “a língua padrão é um sistema comunicativo ao alcance de uma parte reduzida dos integrantes de uma comunidade; é um sistema associado a um patrimônio cultural apresentado como um “corpus” definido de valores fixados na tradição escrita”. (GNERRE, 1994:6)¹⁹ Daí a necessidade da bandalheira, do vulgar enquanto elementos de comunicação populares.

A mistura de um imaginário erótico a um infantil, como ocorre no trecho no qual a menina narra ao tio Abel os sonhos feios que teve após ler a história do caderno negro, revela a existência de uma ingenuidade ainda não corrompida, o que lembra a *Lucíola* de José de Alencar. “[...] mas aí apareceu o He-Man e a princesa Leia, e o He-Man cortou com a espada só a cabeça do jumento”. A crítica à instituição religiosa, dá-se, por sua vez, com a escolha da personagem erótica da menina, tio Abel. “Bom, papai, eu só copieei de você as cartas que você escreveu pra mocinha, mas inventei o tio Abel. Porque Caim e Abel é um nome do catecismo que eu gostei”. A importância do diálogo tão enfatizada pelo editor Lalau para o sucesso dos livros de pornografia, por sua vez, pode ser analisada como uma tentativa da autora de apresentar a necessidade de um resgate da convivência, essencial para o relacionamento humano que anseia ir além do pornográfico.

Desse modo, tomando a definição de Magno, *O Diário Rosa* de Lori Lamby funciona como um espelho, no sentido infinitiza as características e problemáticas da sociedade contemporânea retratada. Os julgamentos extinguem-se juntamente com o fechamento do livro.

¹⁹ Gnerre, Maurizio. *Linguagem, escrita e poder*.



O Revirão

Estrategicamente, Hilda Hilst toma o sexo como o ponto bífido do Revirão que promove. A partir da narração das experiências sexuais de uma menina de oito anos, o leitor pode girar para um lado ou para o outro, ou melhor, pode utilizar o livro para fruição sensorial ou para refletir sobre casos de pedofilia e questões polêmicas da sociedade atual. Mas, como a chegada ao ponto neutro independe do percurso quando se parte do ponto bífido, o leitor certamente ‘revira’ ao final do livro.

Conclusões são subjetivas e inerentes à experiência vital de cada leitor. Susan Sontag, no texto *A Imaginação Pornográfica*, afirma que “as sensações físicas involuntariamente produzidas em alguém que leia a obra carregam consigo algo que se refere ao conjunto das experiências que o leitor tem de sua humanidade – e de seus limites como personalidade e como corpo”. (SONTAG, 1987:52)²⁰. A pornografia é, assim, um teatro de tipos, não de indivíduos. Tipos que são idealizados a partir da repressão na qual a sexualidade se encontra.

A única certeza que se tem em relação ao livro é que é impossível ser indiferente a sua leitura. Alguma mudança ele promove, independente de positiva ou negativa no que tange ao senso comum. Afinal, o livro é destituído e destitui estereótipos. “Não vira ao contrário, não é demarcável, mas, como máquina, marco um ponto e posso dizer que a primeira passagem do percurso é positiva e a segunda inverte, é negativa. O terceiro não é nem positivo nem negativo”. (MAGNO, 1999:68)²¹.

Conclusão

O livro encontra-se no que MD Magno especificou como Maneiro, que, enquanto terceiro, retoma de tudo uma equivocação. Como uma analista, ainda no sentido determinado por Magno, a obra promove um Revirão ao conduzir o leitor à equivocação radical que o põe numa possibilidade de, naquela questão específica, no caso o sexo e, acoplado a ele, os valores sociais, referenciar-se a neutralidade e, portanto ficar à vontade nas oposições que trouxe.

MD Magno afirma ainda que “se pudermos substituir o binário que copiamos das aparências das coisas que estão no Haver – que se apresentam para nós na

²⁰ Sontag, Susan. *A vontade radical*.

²¹ MD Magno. *A psicanálise, novamente*.



binariedade imediata, pelo menos da sua constituição – por essa reflexividade ternária que é específica não só de nós mesmo como sujeitos falantes, como, também., do haver na sua totalidade, teremos dado um passo”(MAGNO, 1999:8)²².

O Caderno Rosa proporciona ao leitor esse passo. Constrangido da situação na qual se encontra no final do livro, ao saber-se destituído de elementos de definição do que foi lido, o leitor chega, por um instante, ao estado neutro, à síntese, desprovida da binariedade. Novas tese e antíteses surgirão, porém o revirão já ocorreu e caracterizará novas formas de pensamento.

Referências

CATELLO BRANCO, Lúcia. *Eros travestido: um estudo do erotismo no realismo burguês brasileiro*. Belo Horizonte: UFMG, 1985.

DURIGAN, Jesus Antônio. *Erotismo e Literatura*. São Paulo: Ática, 1985. Série Princípios.

GIROLAMO, Fabiano Puhlmann. *Erotismo e pornografia*.

http://www.revistapsicologia.com.br/materias/pontodevista/erotismo_porno.htm

GNERRE, Maurizio. *Linguagem, escrita e poder*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

HILST, Hilda. *O Caderno Rosa de Lori Lamby*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1990.

MAGNO, MD. *A Psicanálise e a Crise de Idéias*. Rio de Janeiro: Univercidade de Deus, 1990.

_____. *A Psicanálise, Novamente*. Rio de Janeiro: Univercidade de Deus, 1999.

MILAN, Betty. Folha de São, 31 de jul. 1994. *Mais!* (pág. 6-10)

SONTAG, Susan. *A Vontade Radical*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1987.

²² MD Magno, A psicanálise e a crise das idéias.